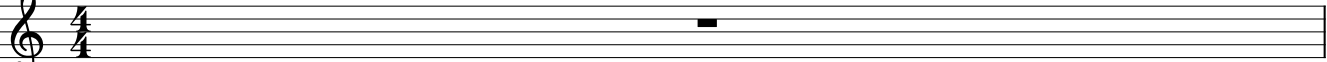


# Alexandrina

Anabela Narciso Ribeiro

Veloso dos Santos

Voz



## ATO I

Cena 1 – Na cadeira, apresentação

Luz a incidir sobre a cadeira. Luz difusa no resto do cenário.

Alexandrina entra e senta-se numa poltrona ou cadeira.

Com ela entra um pianista que faz qualquer coisa enquanto ela se prepara.

Por exemplo, vai arranjar ou vestir o piano.

Estou bem assim? Senhor Vítor, ouve-se aí a minha voz?

Vítor: Experimente.

Ai, estou tão nervosa. Acha que vem muita gente?

Vítor: Tem de falar mais alto.

Falo mais alto? Sen-hor Ví-tor!

Vítor: Tem de aquecer bem a voz primeiro.

Está bem eu aqueço a voz primeiro.

Faz alguns exercícios com a voz.

Está melhor?

Menino Diogo pode ajudar-me a aquecer a voz?

Acende uma luz sobre o piano.

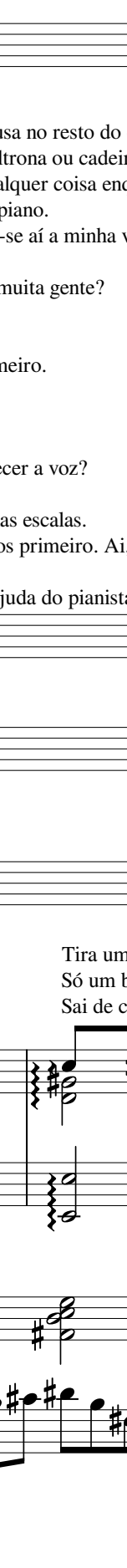
Pianista senta-se ao piano e faz algumas escalas.

Espera que vou aí dar-lhe uns beijinhos primeiro. Ai, o menino está lindo hoje.

Vamos lá então.

\*Faz as escalas a aquecer a voz com ajuda do pianista.\*

Piano



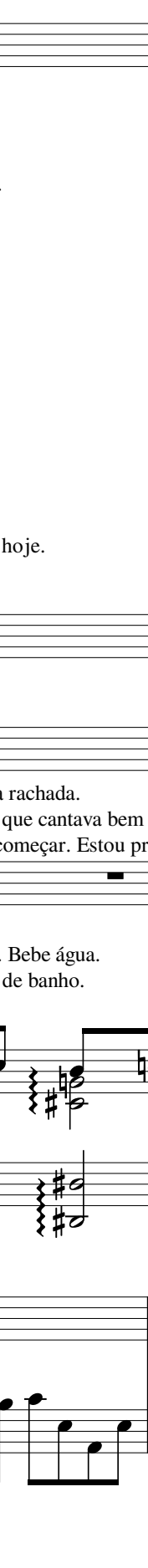
2 \*Fazer escalas\*

Pareço uma cana rachada.  
E eu que achava que cantava bem quando era miúda. Ai Jesus!  
Então vamos lá começar. Estou pronta.

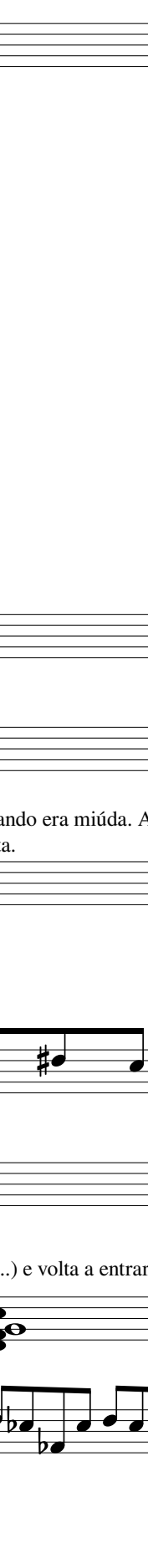


4 Espere, tenho de beber água.

Tira uma garrafinha do saco. Bebe água.  
Só um bocadinho vou à casa de banho.  
Sai de cena (...)



6 (... e volta a entrar.



A professora ainda não chegou. Não é melhor esperar por ela?

Vitor: Ela tem de estar a horas nos ensaios. Vamos começar sem ela.

Está bem, Senhor Vitor.

Ainda só escrevi um bocadinho. O resto são só ideias.

Também já pensei nas marcações.

E o menino Diogo anda a pensar na música, não é?

Como é que se chama isto que estamos a preparar?

**Pianista: É um melodrama, teatro entrecortado por música. (Começa a tocar?)**

Ai estou tão nervosa!

Mas uma coisa é fazer teatro com o grupo outra é estar sozinha no palco.

O que vale é que tenho o menino Diogo para me ajudar.

Não é fácil, mas vamos lá.

Ai estou tão nervosa!

Eu sei que ainda estamos só a experimentar coisas, mas não sei se vou ter coragem depois.

Pianista: Vai sim.

Acha que sim?

Vamos a ver.

Fui pensando no meu dia a dia para me inspirar para o texto.

Ainda só escrevi um bocadinho do texto que a professora pediu, mas queria falar das coisas que me vieram à cabeça.

Silêncio, durante algum tempo.

Eu sei que não tenho de me preocupar, mas preocupo, porque já agora gostava de fazer uma coisa em condições.

Gosto muito de teatro, sabe?

E os meus filhos saíram quase todos a mim, 'teatreiros'!

Um deles até anda no grupo de teatro da Universidade.

E não é que resolvi ir também para o teatro? Agora, depois de velha?

**Pianista: Não é nada velha!**

O menino é uma jóia.

Este grupo ensaia às terças aqui pertinho de minha casa.

Teatro e expressão dramática para todos, como diz a professora.

Ela costuma dizer, a propósito de uma peça que viu quando era nova:

"...(não existe isso de uma linha que separa, a parte superior da classe média inferior da parte inferior da classe média superior..."

(Frase da peça Zoo Story de Eduard Albee, que vi quando entrei para o Gretua. Era eu a menina da bilheteira)

Ou seja, acho que ela quer dizer que por vezes não vamos a certas coisas e a certos sítios porque nos achamos de uma classe inferior.

Por isso lá fui.

Se o meu António me visse agora, mandava-me logo para casa.

Que Deus o tenha, rezo todos os dias pela sua alminha.

Tenho pena que ele se tenha ido.

Eu podia lá fazer tal coisa no meu tempo.

Se calhar até podia, eu é que nunca me deu para isso.

Ai, fico nervosa só de pensar que os meus filhos vêm ver...

O mais novo já me disse que se for para ver a mãe a fazer figuras em cima do palco, não vem.

Seja como for tenho muito para dizer.

A professora disse para eu pensar nisso e realmente todos os dias há mil histórias à minha volta.

É só estar atenta.

E depois há outras histórias mais antigas que se passaram comigo.

E com outros que eu conheço.

E também há histórias nos meus sonhos, mas algumas não posso contar são muito disparatadas.

Ui eu sempre tenho cada sonho mais maluco! Acha que conte também os meus sonhos?

**Pianista: Acho.**

Mas são tão amalucados que ninguém vai perceber nada, não é?

O meu filho vai ajudar-me a escrever o texto. Ele anda no grupo de teatro da universidade.

Olhe o bocadinho que já está é assim: (Levanta-se como que para declamar o texto, mas fica junto à cadeira.)

**Sou a Alexandrina Moro ali naquela esquina, naquela rua ali ao lado. Carrego a minha vida como se fosse um fardo.**

**Mas ultimamente ele anda mais leve. E o meu sangue ferve. Gosta?**

Pianista: Gosto, ainda pode melhorar, mas gosto.

O António que me perdoe, Deus o tenha em descanso, mas a fervura de que falo não é uma fervura daquelas que a gente sabe.

É de outra lavra, também vem de dentro, mas vem de outro sítio da alma. Gosto tanto de andar neste grupo de teatro.

Se pudesse tinha começado mais cedo. Quando era miúda tinha jeito para as 'teatrisses'.

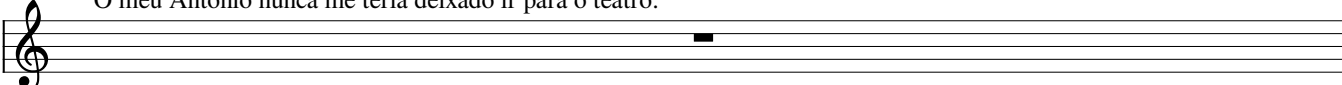
Comecei a dizer o que me vai na alma e me vem de dentro, no teatro.

Gosto tanto, nunca me senti assim tão sei lá, livre. E leve. Cheia de ideias na cabeça.

O meu António nunca me teria deixado ir para o teatro.

10

Pno.



♩ = 120

CENA 2

Muda de sítio e vai para junto do roupeiro, como se fosse o quarto de uma casa, mais sombrio,  
luzes escuras sobre o roupeiro. O pianista começa a tocar outra música??.

Alexandrina começa a mexer nas roupas que estão dentro do roupeiro enquanto vai falando (o abandono, a emigração)  
Temos de pensar nas roupas para o melodrama, não é?

O meu António era caixeiro-viajante.

Andava de terra em terra. Por vezes estava dias sem vir a casa.

(A morte de um Caixeiro Viajante de Arthur Miller – peça em que entrei como atriz - 1993)

Quando vinha ficava calado durante horas.

Se calhar tinha uma amante. Ou várias. Nunca soube, mas também nunca quis saber.

11 Mas mesmo assim imaginava-as. Como via nos filmes. Imaginava o que ele lhes dizia e o que elas lhe diziam a ele.

Pno.

11

Pno.

13

Pno.

15

Pno.

17

Pno.

19

21

Pno.

Musical score for measures 21-22. The right hand features a continuous eighth-note pattern. The left hand has a bass line with chords and single notes.

23

Pno.

*mf*

Musical score for measures 23-24. The right hand continues the eighth-note pattern. The left hand has a bass line with chords and single notes. The dynamic marking *mf* is present.

25

Pno.

*p*

6

Musical score for measures 25-26. The right hand has a quarter-note pattern. The left hand has a bass line with chords and single notes, including a sixteenth-note figure. The dynamic marking *p* is present.

26

Pno.

6

Musical score for measures 27-28. The right hand has a quarter-note pattern. The left hand has a bass line with chords and single notes, including a sixteenth-note figure.

27

Pno.

6

Musical score for measures 29-30. The right hand has a quarter-note pattern. The left hand has a bass line with chords and single notes, including a sixteenth-note figure.

28

Pno.

6

Musical score for measures 31-32. The right hand has a quarter-note pattern. The left hand has a bass line with chords and single notes, including a sixteenth-note figure.

29

Pno.

Põe uma roupa sexy à frente de si, uma que vestirá mais à frente.  
 (Texto da peça O Café de Fassbinder, a partir de Goldoni. Gretua, 1990.)

30

Pno.

Leandro: Abraça-me as pernas.  
 Quem é puta há de ficar sempre puta.

Lisaura: És tão forte. Tão grande.  
 E baixas os olhos para mim.

**Swing**

32

Pno.

Leandro: Eu devia corrigir-te.  
 Nunca poderei esquecer as sombras do teu passado.  
 Não é puro o que agarro de noite nos meus braços,  
 uma exalação de podridão desprende-se de ti,

e é carne estragada o que tenho nos braços  
 uma pele escurecida e murcha.

36

Pno.

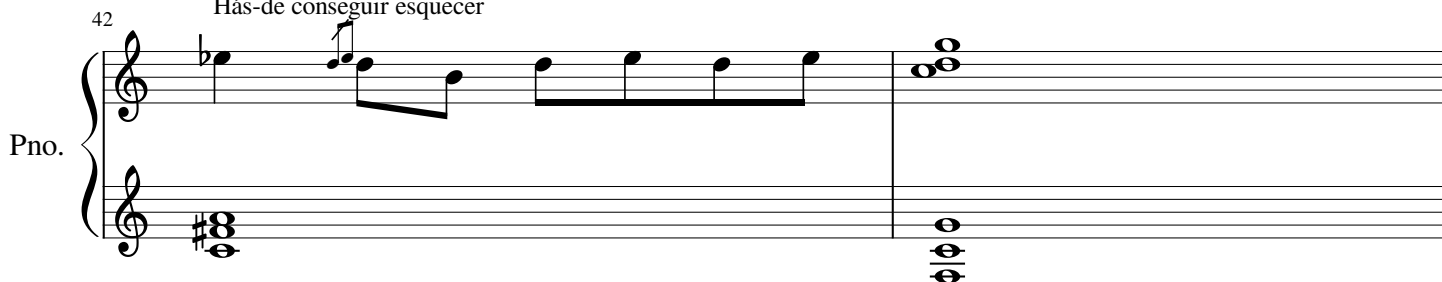
40

Pno.

Lisaura:  
Que estás a dizer meu querido?  
Hás-de conseguir esquecer

42

Pno.



**Pianista: Está muito atrevida Dona Alexandrina.**

Agora já não tenho medo de ser atrevida.

Às vezes tinha medo dele.

Ouvia a minha mãe a matraquear-me ao ouvido: ó rapariga a esposa deve obedecer ao seu homem, sempre.

E dizia-me: “A tia Alzira também era levada da breca e resposdona (uma fera!) e o marido acabou por vergá-la à sua vontade. Depois andava mansinha como um gato”.

E que ela costuma dizer, depois de aprender a obedecer ao seu marido:

“Sinto vergonha que as mulheres sejam tão loucas ao declararem guerra quando deveriam estar de joelhos a implorar paz; ou que pretendam governar e mandar, quando devem servir, amar e obedecer”

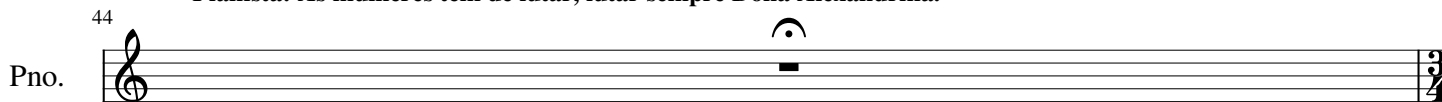
Por isso

“humilhai-vos, pois, e colocai as mãos debaixo do pé do vosso marido; se ao meu lhe apraz, a minha mão está pronta a dar-lhe essa prova de obediência”

**Pianista: As mulheres têm de lutar, lutar sempre Dona Alexandrina.**

44

Pno.



Coitado do meu António. Ele não era dos piores. Não que ele fosse assim. Mas nunca me deixaria fazer teatro.

Quando ele se foi fiquei com medo. Ainda tenho medo. Tenho muito medo. Mas cá me aguento.

Tenho 64 anos. Mas cá me aguento. Nasci numa aldeia a 20 minutos de caminho de carro e a uma hora de comboio.

Há lá um museu de comboios numa antiga estação. Os meus pais sempre trabalharam nessa estação e na agricultura.

O meu marido conheceu-me num bailarico lá da terra e quis casar comigo.

Trouxe-me para aqui, não foi mau, não fiquei muito longe de casa.

Aqui também tenho um quadradinho de terreno e cultivo lá os meus legumes.

Desde que o meu António se foi dedico-me mais à minha horta.

E agora o teatro. Gosto de viver aqui, as vizinhas não são as piores. E não fiquei longe de casa

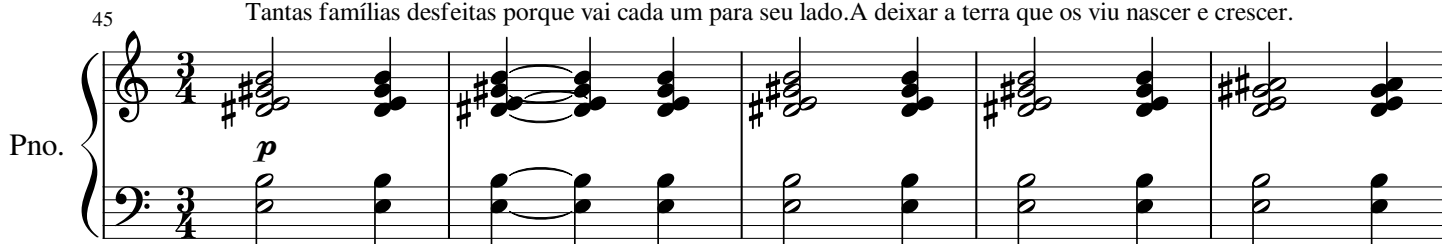
Já o meu pai veio de longe, de Belmonte. E a sua irmã, minha tia, emigrou para Inglaterra.

Emigrantes. Cada vez há mais, a sair de cá para outras terras e a vir de outras terras para cá.

Tantas famílias desfeitas porque vai cada um para seu lado. A deixar a terra que os viu nascer e crescer.

45

Pno.



50

Pno.



55

Pno.

60

Pno.

65

Pno.

70

Pno.

E é precisa tanta gente boa para tratar desta terra como deve ser. Uma vez o António disse-me que queria ir para a América.

E ele disse-me:  
Ora mulher, eu gosto é de ti.

77

Pno.

Queres ir para a America.....! Eu já sei como é que era. Conhecias para lá uma 'amaricana' e depois olha.

♩ = 100 TEMA "ALEXANDRINA"

E acabou por ficar, ainda assim.  
Mas muitos foram-se embora. Em barcos e em comboios.  
Tenho pena de não andar mais de comboio. Sempre gostei muito de comboios.  
O meu António nunca gostou de andar de comboio e eu tenho pena.  
Ele era caixeiro viajante, andava de terra em terra, às vezes estava meses sem vir a casa.  
Fica em silêncio durante algum tempo, em palco,  
andando até outro ponto enquanto a música continua.

80

**Straight**

Pno.

82

Pno.

87

Pno.

91

Pno.

94

Pno.

97

Pno.

3 3 3 3 3 3 3 3 3

100

Pno.

3 3 3 3 3 3 3

102

\*Dança com um vestido à frente como se fosse outra pessoa.\*

Pno.

3

107

Pno.

3

### Cena 3 – Alexandrina a sua vida diária e os transportes

A música muda e acorda-a. A luz torna-se menos sombria.

Alexandrina dirige-se à sua bicicleta pasteleira, que está em palco e sobe para cima dela.

112

Pno.

113

Pno.

114

Pno.

116

Pno.

118

Pno.

120

Pno.

Olhe para esta bicicleta. Não é bonita? É como um cãozinho. Só lhe falta falar. Menino Diogo, gosto muito dessa música

122

Pno.

**Pianista (para de tocar por instantes): Gosta? Temos de a ajustar ao texto que escrever.**

Deixe-se disso, vai ficar bonito. Falta saber se eu consigo escrever o texto, porque música já temos!

125

Pno.

126

Pianista continua a tocar durante um bocado sem ela falar. Ela delicia-se a ouvir e a pedalar.

Pno.

128

Pno.

130

Pno.

132

Pno.

134

Pno.

136

Pno.

A minha vida é sempre a mesma todos os dias.  
 Já trabalho há 40 anos para aquela patroa. Fui para lá quando ela se casou.  
 Nunca tirei a carta.  
 Pego na minha bicicleta e vou de casa até à paragem de autocarro.  
 Estou tão habituada, que já não me custa nada.  
 Nunca me dói nada a andar de bicicleta, é como se ela fosse outro esqueleto debaixo do meu.  
 Com os ossos todos à mostra.  
 Antigamente era fácil andar de bicicleta.  
 Agora é só carros.  
 Anda tudo de carro.  
 Os miúdos agora ainda não largaram as fraldas e já andam de carro.  
 Depois quando chegam a velhos é só dores nas costas.  
 Olhem o que eu vos digo.  
 Eu agora tenho de ter cuidado, já fui parar à valeta várias vezes.  
 O que vale é que a minha pasteira é forte.  
 É como eu.  
 Às vezes sinto que conseguiria dar a volta ao mundo em cima dela, como se vê por aí os turistas.  
 Sempre a pedalar.  
 E fico bem-disposta, dá-me paciência para esperar pelo autocarro que demora sempre mais um bocadinho.  
 Às vezes tenho de esperar por ele meia hora ou mais.  
 Levo sempre uma maçã no bolso para roer enquanto espero pelo autocarro na paragem.  
 Desmonta da bicicleta e começa a limpá-la. Depois come uma maçã.

139

Pno.

Tenho sempre tanta fome que parece que trago uma bicicleta cá dentro, sempre a pedalar...  
 por isso trago sempre algumas maçãs de casa, não vá o raio da bicicleta começar a pedalar assim de repente!...hummmm deliciosa  
 Já experimentaram comer assim uma maçã?...hum.....quase se sinto as vitaminas a entrar no meu estômago,  
 a passar para o meu sangue....zzzzzzzz a correrem por aqui fora e as minhas pernas a ficarem mais fortes....  
 o meu coração a bater mais certinho.....hummmm que maravilha!!!!

140

Pno.

**Swing**

144

Pno.

147

V. Até me apetece cantar:

U - ma ma - çã ao al - mo-ço

Pno.

150

V. U - ma ma - çã ao jan - tar Um ca - che - col ao pes -


Pno.

153

V. co - ço E du - as per - nas p'ran - dar


Pno.

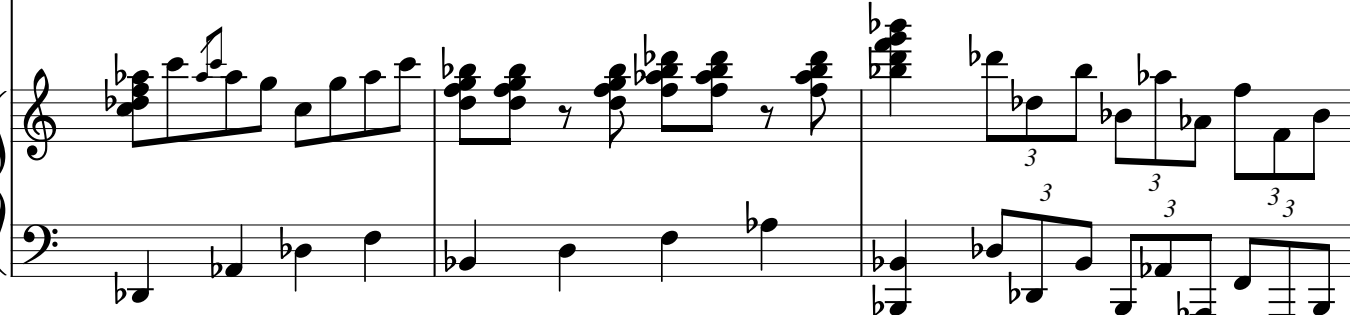
156

V.    
 Dois gi - ra-ssóis e'um tre - mo-ço Is - so pa - ra'a-com - pa -

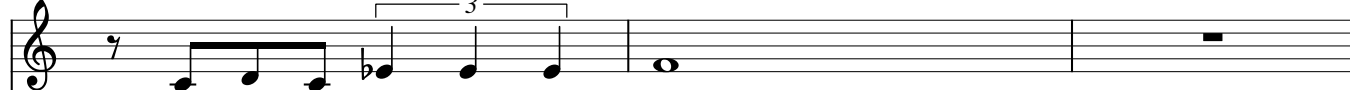
Pno. 

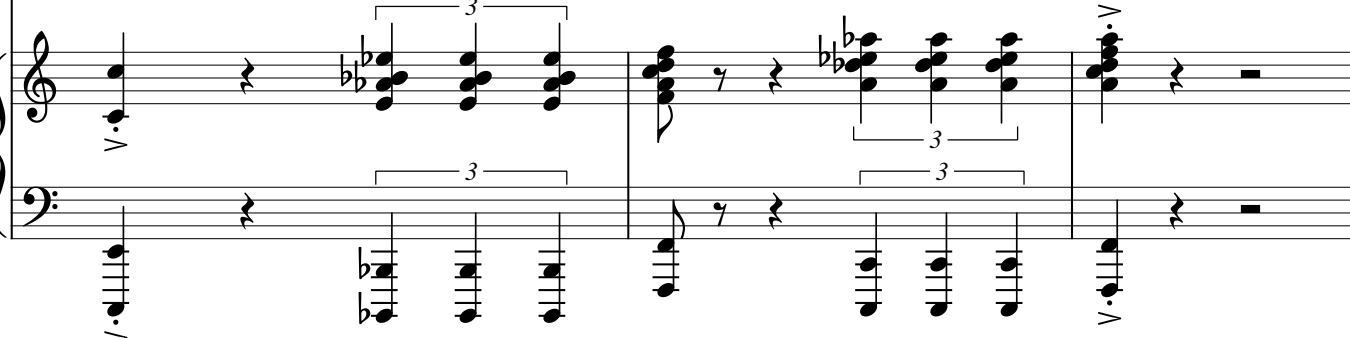
159

V.    
 nhar U - ma ma - çã ao al - mo-ço

Pno. 

162

V.    
 E ou - tra pa - ra'o jan - tar

Pno. 

Vou roendo.  
 E ele nunca mais vem.  
 Há poucos autocarros.  
 Tenho de me levantar às seis da manhã para apanhar o que me dá para ir a horas.  
 Os políticos dizem que melhoram os autocarros, mas fica tudo sempre na mesma.  
 No fundo, todos sabemos o que eles querem:  
 (Falar Verdade a Mentir de Almeida Garret – peça que encenei no grupo de Eixo em 1999; Afinal quem é o Frank?  
 Peça onde participei como atriz, primeira peça da Efémero em 1996):  
 Um lugar magnífico...daqueles muito rentáveis e pouco trabalhosos! Pode-se andar muito caminho em pouco tempo! (...)  
 Ri-se a gente e vai-se arranjando a vida!

165

Pno.

169

Pno.

172

Pno.

176

Pno.

É o que eles dizem, os políticos!  
**Pianista (para de tocar por instantes):**  
**Isso já não muda Dona Alexandrina!**

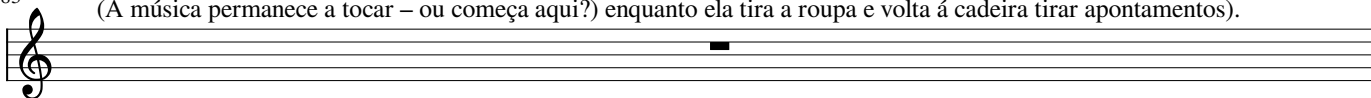
179

Pno.

Pois não menino, pois não.  
 Vou olhando para a minha bicicleta ali presa e vou pensando.  
 Gostava de desmontar esta bicicleta, peça por peça. Já em miúda tinha essa mania.  
 Sempre fui muito maria-rapaz.  
 Entretenho-me a pensar nas peças.  
 Gostava de ter sido mecânica de peças de bicicleta.  
 E desmontá-las e voltar a montá-las, peça por peça. Isso é que era.  
 Ajudava-me a pensar melhor na minha vida.  
 E depois podia fazer um mercado de troca de peças de bicicleta.  
 Como havia antigamente.  
 Vai novamente até ao armário e tira um casaco do marido e uma boina e faz de homem de antigamente.  
 Fica com essa roupa durante algum tempo.  
 (Teatro de rua no dia da cidade sem carros em Aveiro – 2001 – vestida de rapaz dos anos 30, venda –  
 dádiva - de peças de bicicleta velhas na rua).  
 Mas enfim isso não é profissão de mulheres, ou pelo menos era o que se pensava antigamente.  
 Quando era pequena andava sempre de bicicleta, numa bicicleta duas vezes maior que eu.  
 Na minha terra há um museu com comboios antigos e uma estação, já lhe disse isso.  
 Foi na estação de comboios da minha terra que comecei a trabalhar.  
 Limpava comboios.  
 Para além de bicicletas gosto muito de comboios. Mas ando mais de autocarro.  
 Se tivesse estudado, gostava de ter sido maquinista. Não sei se há essa profissão para mulheres,  
 mas uma tia minha emigrou para lá e diz que durante as guerras, com o recrutamento militar dos homens,  
 as mulheres entraram em força como operárias para as fábricas da Grã-Bretanha.  
 Também devia haver mulheres maquinistas não?  
 Bastava a quarta classe para ter sido outra coisa, mas eu nem isso tirei.  
 Era costume sabe, umas tinham de ajudar os pais na agricultura outras era porque os pais não deixavam,  
 as raparigas não podiam sair de casa e se houvesse homens na família iam eles.  
 Muitas vezes o dinheiro não dava para todos.  
 Gostava de ter emigrado para Inglaterra. Estive para ir ter com a minha tia.  
 É tudo mais moderno lá.  
 Ela dizia-me que havia muitas mulheres a trabalhar nos transportes.  
 Sempre adorei comboios e tenho pena de não poder apanhar um comboio para ir trabalhar.  
 Apanho um autocarro, mas não é a mesma coisa, não é não senhora.  
 Se eles soubessem o que é andar de autocarro nesta terra.  
 Mas não querem saber. E cada vez há mais carros e menos autocarros.  
 Anda tudo de 'cu' tremido, mas de certeza que não é mais tremido que o meu.  
 E ele já treme que chega no autocarro, às vezes parece um chocalho.  
 É da maneira que fica rijo com a força que faço para me segurar.  
 Devia haver mais comboios a andar para todo o lado.  
 De certeza que não haveria tantos carros.  
 Esta é uma ideia importante, vou apontar, tal como a professora pediu.  
 Tenho aqui o meu livrinho para apontar as minhas ideias.  
 Pega num livro de apontamentos e começa a escrever.  
 (A música permanece a tocar – ou começa aqui?) enquanto ela tira a roupa e volta á cadeira tirar apontamentos).

183

V.



## Ato II

Cena 4 – A viagem de comboio

Alexandrina dirige-se de novo à cadeira. Fala de pé junto à cadeira até dizer que se vai sentar. Musica pára?

No outro dia fui de comboio visitar uma amiga. E pelo caminho pensei em muita coisa e tomei nota.

Assim como disse a professora para fazermos. A minha letra nunca foi grande coisa, devia ter tirado a quarta classe. Mas ainda bem que a professora disse para fazer isto.

A minha letra até está a melhorar um bocadinho. E há tanta coisa à nossa volta para prestarmos atenção.

Entrei no comboio. Sentia-me cansada e pesada. Sentei-me.

Mas ao mesmo tempo sinto-me livre por dentro, de papel e caneta da mão.

**Pianista: Porquê? Sei lá eu. Sinto, pronto. É uma coisa difícil de explicar.**

À minha frente, sentada, ia uma rapariga que tinha trazido a bicicleta. Fiquei a admirá-la.

Olha agora deixam levar bicicletas no comboio, que sorte, pensei eu. A rapariga não tirava os olhos do telemóvel.

O que estaria ela a ver? Esta gente nova que não tira os olhos do telemóvel. Os mais velhos vão pelo mesmo caminho.

Ficam todos marrecos. E parece que perderam alguma coisa, sempre a ver se a encontram no ecrã do telemóvel!

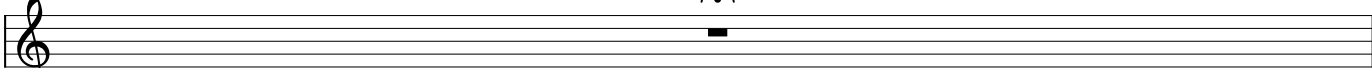
Estas tecnologias... já lá não vou. Ai se fosse nova outra vez. Era assim que eu andava. Sempre de bicicleta.

Como aquela rapariga. Dava a volta ao mundo. À procura da Felicidade, de bicicleta. Também, que ideias.

Quem é que dá a volta ao mundo à procura da felicidade? Se calhar ela está ali no quintal.

184

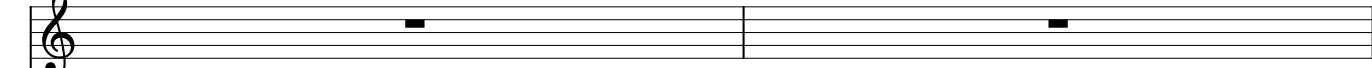
V.



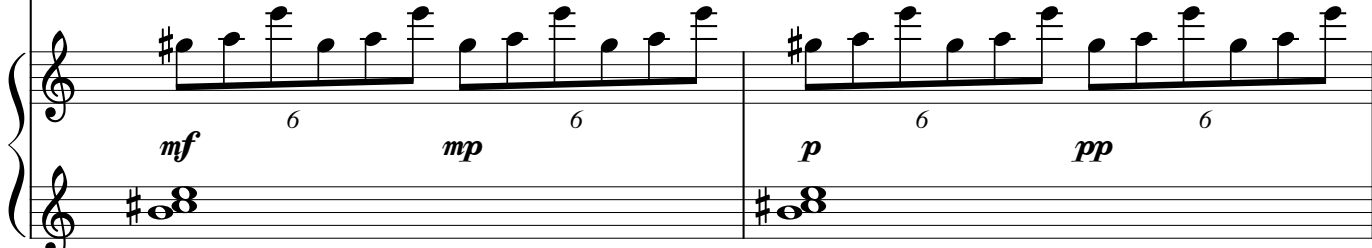
**♩ = 140**  
(Agustina e a Felicidade – peça de teatro que escrevi e encenei no CETA, 2016;  
Peer Gyth que encenei na Musa em 2017; o meu trabalho sobre o território e sobre as migrações dentro do nosso país).  
Alexandrina ouve a música um bocado e fica em silêncio.  
Na sua cabeça, dá á volta ao mundo à procura da felicidade, enquanto a música continua.  
A miúda do comboio à minha frente ia a ler um livro chamado ‘Anna Kárénina’.  
Fiquei a olhar para ela.  
Gostava de ter estudado, agora teria gosto e facilidade em ler qualquer coisa.  
Esta é a minha maior tristeza.  
É a educação que nos salva.  
É saber ler, é saber desenlaçar aquilo que lemos e aquilo que nos dizem, sem que nos tomem por parvos e parvas.  
E a educação ajuda na imaginação.  
E como diz a professora, precisamos de imaginar mais para além do que vemos nas novelas.

185

V.



Pno.

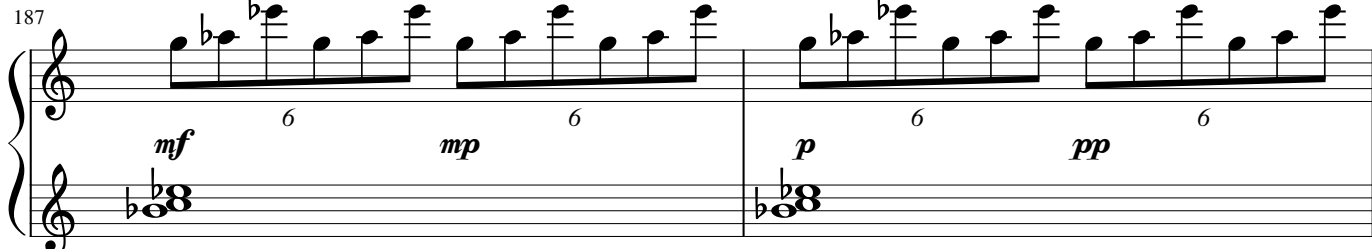


*mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6

*Red.* \* *Red.* \*

187

Pno.



*mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6

*Red.* \* *Red.* \*

189

Pno.

*mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6 *mf* 6 *mp* 6

*Red.* \* *Red.* \* *Red.* \*

192

Pno.

*p* 6 *pp* 6 *mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6

*Red.* \* *Red.* \* *Red.* \*

195

Pno.

*mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6 *mf* 6 *mp* 6

*Red.* \* *Red.* \* *Red.* \*

198

Pno.

*p* 6 *pp* 6 *mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6

*Red.* \* *Red.* \*

201

Pno.

*mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6

*Red.* \* *Red.* \*

203

Pno.

*mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6 *mf* 6 *mp* 6

*Red.* \* *Red.* \* *Red.* \*

206

Pno.

*p* 6 *pp* 6 *mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6

*Ad.* \* *Ad.* \* *Ad.* \*

Aquilo é sempre a mesma coisa.  
 Dão-nos sempre o mesmo pacote, não é?  
 A professora está sempre a dizer isso.  
 Parece que não querem que imaginemos mais nada para além daquilo

209

Pno.

*mf* 6 *mp* 6 *p* 6 *pp* 6 *mf* 6 *mp* 6

212

Pno.

*p* 6 *pp* 6

**Diogo: É mesmo. Até a imaginação nos querem roubar. Pára de tocar**

Pois é, hoje em dia até a imaginação nos querem roubar.

Qualquer dia é o mar, a lua, vai tudo!

(Roubaram a Lua de Jean Paul Alegre – peça que encenei no CETA, 1997;

Papiniano e o Pirata Torniquete malagueta – peça que escrevi para o CETA em 1998)

Se tivesse sido daquelas meninas que os pais pagam os estudos, tinha feito um daqueles

'Terrailles' ou lá o que é, e tinha ido a Paris ver o Louvre e a Gioconda.

Isso havia de me dar ideias.

Gostava também de ir à Holanda onde dizem que anda tudo de bicicleta, pais, filhos e avós.

Tudo.

Faça chuva ou faça sol e até quando neva.

Ainda pensei voltar à escola, mas vieram logo os filhos.

E mais tarde os netos.

Gosto muito de ir com os meus netos ao teatro. É uma espécie de felicidade.

Gostava também de dar a volta ao mundo, mas para isso já não dá, já não tenho idade.

213

Pno.

## Pianista: Deixe-se disso.

V.

Pno.

Deixo-me disso? Vamos a ver, vamos a ver!  
 O meu António não gostava de andar de comboio.  
 Íamos sempre ao paredão na nossa carcaça velha comer um pão com queijo,  
 era essa a nossa volta.  
 Nos dias bons ele ficava a pescar e eu aproveitava  
 para dar um passeio na praia, mas era raro.  
 Uma volta ao mundo. Porque não?  
 Ia de comboio e não me importava de ir sempre em terceira classe,  
 sempre era mais barato. A professora perguntou. E se fosse fotógrafa o que fotografava?  
 E se pudesse viajar onde ia?  
 Depois de ir à Holanda ver as bicicletas e a Paris ver a Gioconda,  
 ia à Holanda ver as bicicletas e depois ia até ao México visitar a campa do meu tio,  
 que nunca regressou. Dizem que tocava guitarra muito bem. Ia de comboio.  
 E se eu pudesse viajar assim pelo mundo fotografava só mulheres à janela de comboios.  
 Depois fazia uma exposição no museu da minha terra.  
 Mas parece que aquilo lá anda mau, com guerras e assim.

V.

Pno.

Pno.

222

Pno.

225

Pno.

228

Pno.

$\text{♩} = 70$

### Cena 5 – A imaginação a fervilhar

As guerras dão cabo do mundo.  
 As pessoas tendem a ser más umas para as outras. Estejam onde estiverem.  
 Mesmo que estejam metidas num buraco no chão.  
 (O café de Goldoni-Fassbinder – peça em que entrei como atriz – Gretua 1991)  
 Mesmo que estejam metidas num buraco no chão só pensam em dinheiro.  
 Se houver dinheiro em causa, porque se não houver tramam-se na mesma umas às outras.  
 E quando alguém está em apuros toca de o enterrar ainda mais.  
 (Ascensão e Queda da Cidade de Mahagony de Brecht – peça que adaptei e encenei na Musa, apresentando-a na Efémoro em julho de 2019).  
 Às vezes penso se não seremos mais ratos do que pessoas.  
 Mas depois penso que os ratos não se tramam uns aos outros.  
 Gostava de ter saído deste buraco e ter viajado pelo mundo com o meu António ou sozinha.  
 Mas já não fui a tempo. Ele foi-se.

229

Pno.

232

Pno.

*mf*

*p*

235

Pno.

238

Pno.

*Molto Rubato*

Mas já não fui a tempo. Ele foi-se.  
 Agora viajo com a imaginação.  
 Agora percebo que ninguém nos tira a nossa imaginação.  
 Se calhar não estou a dizer nada de jeito, mas olhe é com alma, é com amor.  
 Pianista: Continue, eu estou a gostar.  
 Desde que ando neste grupo sinto a minha imaginação a ferver.  
 E olhe, vou-lhe contar... tinha um dinheirinho de lado e comprei uns óculos.  
 E tenho andado a ler.  
 (Tira um livrinho do alforje da bicicleta).  
 Nem sempre compreendo o que está escrito, mas depois falo consigo sobre isso.  
 Uma coisa é certa, a minha imaginação anda a ferver aqui por dentro.  
 Olhe este que a professora nos deu da Alice?  
 Que livro mais maluco!  
 Ai, os filmes que a minha cabeça faz depois disso... não faz ideia.

242

Pno.

**♩ = 120**  
 Às vezes imagino que estou a cair por um buraco como ela e que nunca mais chego ao fundo.  
 (Alice no País das Maravilhas de Lewis Carrol – como atriz no Gretua em 1992):  
 E penso: Se eu sobreviver, nunca mais terei medo de cair elas escadas!  
 Que distância percorrer? Será que me aproximo do centro da terra, como será do outro lado?  
 Deve ser divertido ver as pessoas a andar de cabeça para baixo!  
 Quando chegar lá pergunto o nome da terra, que agora não me lembro.

243

Pno.

245

Pno.

247

Pno.

249

Pno.

E nunca mais olhei para o meu gato da mesma maneira.  
 E comecei a imaginar ... e se ele falasse?  
 E se as flores do meu jardim falassem?  
 E se as lagartas do meu jardim falassem?  
 E se os anões de louça do jardim da minha vizinha falassem?  
 Por vezes imagino que dizem poesias sem sentido:

251

Pno.

**$\text{♩} = 70$**

Tweedledee: O sol brilhava sobre o mar, com raios certos, pujantes. Aplicava sua melhor arte, tornar as ondas coruscantes. E isso era estranho porque batera meia-noite pouco antes. A lua brilhava mofina, porque pensava que o sol, depois que o dia termina, devia se retirar. É muita indelicadeza, vir aqui me ofuscar.

252

Pno.

254

Pno.

Tenho pena dessa minha vizinha. Há tantas mulheres que levam tanta porrada dos maridos.  
Às vezes também imagino esses maridos atados a árvores com um bocadinho de mel nos tomates numa floresta cheia de ursos.

**Pianista: A sério?**

Ah, acha que isto é muito forte?

Li num livro que os ursos gostam de mel, é por isso.

Pronto esqueça lá os tomates.

Também gosto de imaginar uma história de amor numa estação, uma estação cheia de gente a olhar para o quadro das partidas.  
E de repente, um olhar que se cruza com outro olhar, pela primeira vez.

Acho que tinha jeito para escrever novelas, mas um pouco diferentes do que são agora. Novelas com gatos a falar.

Ai, ai e se eu pudesse ainda gostava de entrar numa delas, o que eu gostava disso.

Mas não destas agora. Numa em que os gatos falassem.

Acha que sou maluca?

**Pianista: Nem pensar!**

Se calhar sou.

A vida é curta e se a gente não se diverte a ser um bocado malucas não vale de nada.

Agora estou sempre a pensar nisso.

Tomei-lhe o gosto.

Fartei-me de pensar nesta viagem de comboio quando fui visitar a minha amiga, digo-lhe uma coisa.

Viajar de comboio dá para isto, para pensar. E é cada ideia, Deus me livre.

Ai se o meu António me ouvisse a falar agora.

Não digo que me batesse, mas era capaz de me assentar o pelo com uns sopapos.

Não que ele nunca me bateu.

E para o fim não só não me batia de todo como também não dizia nada.

Às vezes ficava a falar sozinha, durante horas.

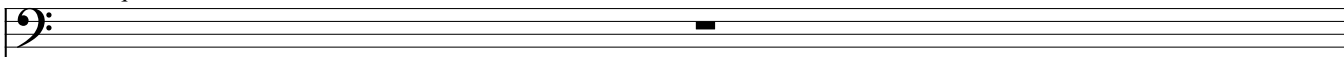
Vai de novo até ao armário e tira elementos para fazer a cena seguinte. Senta-se na beira da cama.

(aqui assumo e represento o extrato da peça Dias Felizes de Samuel Beckett, que representei no CETA, inserido na peça que escrevi e encenei, e que incluía extratos-monólogos de mulheres escritos por vários autores masculinos).

Aqui é um momento filmesco, fora da realidade. Musica de acordo?

256

Pno.



Mais um dia divino. Jesus Cristo Ámen. Pelos séculos dos séculos Ámen.

Frente

Começa Winnie. Começa o teu dia Winnie.

Ir até ao banco. Lavar dentes.

Uh!.Uh! Pobre Willie. Já não dura muito tempo.

Por tampa e pousar pasta

Enfim nada a fazer. Um contratempo. Mais um. Sem remédio. Nenhum remédio.

Procurar e tirar espelho do saco.

Pois é, Pobre Willie, Bonito! Que chatice! Enfim nem pior, nem melhor, nem pior.

Vê dentes no espelho.

Na mesma, nenhuma dor. Quase nenhuma.

Pousa espelho e agarra escova.

É isso que é maravilhoso acima de tudo....pura quê?

Olha escova.

Ah. Sim! Pobre Willie. Sem gosto para nada....sem objectivos na vida.

Pousa escova. Procura óculos e tira-os.

Coitado do Willie. Só sabe dormir. Dom maravilhoso.

Coloca-os.

Sem igual.

Empunha escova.

Na minha opinião. ...eu sempre disse. Tomara eu...verdadeira pura quê??

Olha escova

Quase cega. Enfim, já vi o que tinha a ver creio eu. Até agora. Como eram aqueles versos maravilhosos?

Ai de mim que vejo aquilo que vejo.

Tira lenço do decote e começa a procurar os óculos.

Ah! Sim! Passava bem sem isso. Ou não? Abençoada luz....mergulho nas trevas....regresso à superfície...

clarão ardente de luz infernal.

Sempre a limpar os óculos.

Uh! Uh! Maravilhoso dom! Tomara eu.

Lenço no decote.

Não me posso queixar. Não, não devo queixar-me. Tantos motivos de gratidão, nenhuma dor, quase nenhuma, isso que é maravilhoso acima de tudo.

Observa lentes e põe óculos. Pega escova.

Às vezes sim, uma dor de cabeça ligeira garantida....verdadeira pura quê? Verdadeira pura. Ah sim!

Uma ou outra enxaqueca de vez em quando. Dói e depois passa. Tantos favores, grandes favores.

Voltar a tirar o lenço e limpar cabo da escova.

Orações talvez não completamente inúteis. De manhã à noite...solenemente garantida...verdadeira....pura quê?

Pousa os óculos.

Coisas velhas. Velhos olhos. Continua Winnie.

Bate com sobrinha no Willie.

Uh! Uh! Maravilhoso dom. Tomara eu.

Willie devolve-lhe a sombrinha.

Obrigada Querido!. Enfim cá estou. Nem melhor nem pior. Na mesma. Nenhuma dor.

Por favor querido não voltes a adormecer. Tem paciência. Posso precisar de ti. Oh!

Não é pressa, não é pressa. Mas não te enrosques todo outra vez ouviste? Um bocado em baixo apesar de tudo.

Tira revolver do saco e observa. Coloca dentro. Tira frasco. Coloca óculos.

Estados depressivos.....falta de vitalidade.....inapetência.....bebés...crianças....adultos....seis colheres de sopa rasas por dia.

À moda antiga.....antes e depois das refeições....melhoras imediatas...

Olha para o público e bebe tudo de um golo.

Ah sinto-me muito melhor. Já não dura muito. Enfim não me devo queixar.

Tira os óculos, pega espelho, pega baton.

Como eram aqueles versos admiráveis? Não sei quê...desgostos perduráveis.

Pinta lábios e pousa baton.

É melhor pores as calças querido, não te queimes demasiado. Não achas?

Ah....estou a ver que ainda tens um bocadinho de creme. Esfrega com força querido. Isso. Agora na outra. Ah!

Vai ser mais um dia feliz.

Observa lábio de carmim.

Lábios de carmim.

Ele quando vinha a casa pouco falava. Quando muito virava-se para a meu filho e dizia coisa como:

(Espetáculo Crash, Gretua, 1993):

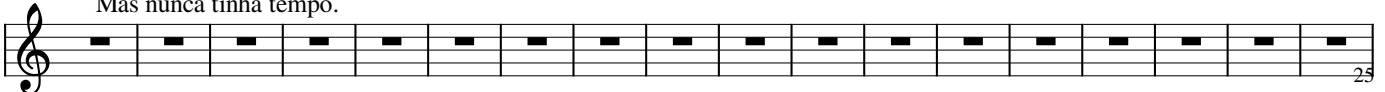
Assim que tivermos um bocadinho de tempo havemos de cortar aquele ramo grande que está por cima da casa, pode cair.

Levanta-se tira as coisas e arruma-as no armário.

Mas nunca tinha tempo.

257

V.



**Cena 6 – E se?**

Fartei-me de pensar nesta viagem de comboio que fiz para visitar a minha amiga.

No meu António.

No que foi a minha vida

No que podia ter sido.

Se tivesse sido atriz.

Ai se eu tivesse sido atriz.

Nunca me senti verdadeiramente mulher.

Quer dizer, mais dona da minha vida.

Sempre trabalhei para os outros, marido, filhos, patroa.

Tive os filhos é certo.

Filhos lindos.

Durante muitos anos não tivemos filhos e sempre a trabalhar. A dada altura que já tinha perdido essa oportunidade.

Mas o António achou que devia ficar uns dias em casa, para ver se o filho lá vinha. Dizia ele:

(Em busca de um Filho Perdido de José Geraldo, primeira peça para a Infância da Efémero, interpretei o filho perdido (literalmente perdido) e a sua mãe).

Continuo a trabalhar (...) para o meu filho encontrar. Ou devo para casa voltar, do meu tangerinal cuidar, e a minha (...) Alexandrina amar?

Depois lá nasceu a minha Júlia.

E a minha patroa até foi minha amiga, deixava-me levar a Júlia lá para casa.

Depois já não havia volta a dar.

Depois veio o Francisco.

E assim foi.

275

V.

Pno.

277

Pno.

279

Pno.

281

Pno.

*mp*

283

Pno.

285

Pno.

287

Pno.

*mf*

289

Pno.

*p*

6

290

Pno.

6

291

Pno.

292

Pno.

293

Pno.

Uma mulher que é mãe nunca mais é a mesma.  
 Todos os dias se preocupa demasiado com tudo.  
 É como se ficasse uma mulher com uma nova pele, como as cobras.  
 Mas nunca me senti assim mulher, mulher, mulher, sabe?  
 Aquela mulher independente e de alma a nu, como nos filmes.  
 Gosto muito de filmes, mas canso-me a ver as legendas.  
 É só por isso que vejo as novelas, porque na verdade aquilo é sempre a mesma coisa.  
 Até mete fastio.  
 Ai se o meu António me ouvisse agora, dava cabo de mim.  
 Assim para aqui a falar num teatro.  
 Quer dizer, não dava cabo. Porque ele nunca me bateu.  
 Assentava-me o pelo, de mansinho.  
 Olhe, até adormeci no comboio.  
 Com esses pensamentos, até adormeci.  
 E digo-lhe uma coisa, os sonhos que eu tive.  
 De repente imaginei ser uma daquelas atrizes sei lá a Gina Lollobrigida ou a Sofia Loren.  
 Com aquelas meias de seda e aqueles vestidos na tela do cinema, a abanarem-se todas.  
 E a cantar como rouxinóis. Rouxinol é que não sou, já disse, mas gostava tanto de cantarolar.

294

Pno.

Mas enfim, já sou muito velhota. Para isso já não dá, já não consigo.

**Pianista: Não diga isso, que mania.**

Mas ainda dou a volta à cidade a pé toda bem vestida e airosa.

Se o meu António me visse agora casava comigo outra vez.

Ainda corro isto tudo de lá para cá e de cá para lá.

Mas há muitas pedras no caminho.

Há sempre muitas pedras no caminho.

Não é fácil andar a pé.

Então, veja, saio da paragem e toca de caminhar para casa da minha patroa.

Às vezes demora quase tanto tempo como de autocarro, veja!

Ele é semáforos que demoram um tempo que eu sei lá.

Depois vem o verde e é sempre a correr, senão fica logo vermelho.

Depois são sítios que escorregam.

Ninguém liga aos peões.

No nosso país quem anda a pé é pobre.

E quem anda de bicicleta também.

Gostava que cá fosse como num daqueles países.

Como num daqueles países, onde quem anda de bicicleta e a pé, é que está bem e é fixe.

Cá toda a gente se quer exibir e aos seus carros e alguns nem têm dinheiro para mandar cantar um cego.

Se eu mandasse.

Se eu mandasse tirava os carros do centro da cidade.

Dizem que noutras cidades da Europa é que é assim.

Sim porque eu vi no telejornal.

É preciso tanta gente boa para tratar desta terra como deve ser.

Qualquer dia vai tudo embora e ficam cá os que dão cabo disto tudo.

Vê-se pelo tempo, anda tudo trocado.

Dão cabo de tudo.

Chove no verão faz calor no inverno.

Qualquer dia desaparece o nosso planeta com tanta gente com tanto carro e tanto fumo.

Qualquer dia fica tudo cheio de fumo a cobrir tudo.

As festas são bonitas.

Mas não fazem desaparecer o fumo.

Eles pensam que enganam o povo.

Tratam das festas, mas não tratam do fumo.

E depois virão os extraterrestres, vai ver. Dão cabo de tudo e depois os extraterrestres ou os marcianos levam tudo.

**Pianista: Essa ideia é gira! E começa uma música nova.**

E na verdade não sabemos se existem extraterrestres, mas se calhar até existem!

Mas quando chegarem cá já não vão encontrar nada de jeito. Vai estar tudo destruído, vão ter de escavar.

(Uma Tricana no Espaço, peça que escrevi e encenei no CETA, em 2008?)

Ai, é pena já ter esta idade.

Se eu fosse mais nova, sabe o que eu fazia agora?

Pegava numa bicicleta, numa mochila, numa máquina fotográfica e num livro para entreter a cabeça nos momentos mais parados e dava a volta ao mundo de comboio.

Mas agora já é tarde.

Ai acha que não devo dizer que já é tarde?

E se for?

Se calhar não é...

Ainda lá vou?

Isso é que era bom.

Pronto, mas é isto.

Ainda só tenho o início da peça, espere, vou repetir:

Sou a Albertina

Moro ali naquela esquina, naquela rua ali ao lado.

Carregava a minha vida como se fosse um fardo.

Mas ultimamente ele anda mais leve. E o meu sangue ferve.

E o resto são só ideias de coisas que vou escrever, ainda tenho de ver como.

Olhe e também escrevi uma poesia.

Sim, porque isto de ler depois também nos dá para escrever.

Acrescentar aqui uma das poesias do Poetry Slam. Ainda falta escolher. Posso ler.

Gostou?

**Pianista: Gostei muito mas isto vai dar cá um trabalho!**

Quando é o próximo ensaio?

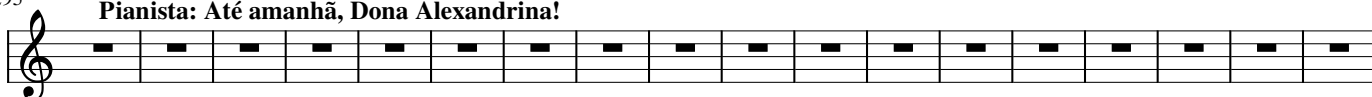
Senhor Vítor, o que achou das minhas ideias sobre as histórias que posso contar? Gostou?

Espere que eu vou aí acima dar-lhe um beijinho.

Vou de bicicleta até aí, espere aí por mim.

Vou por onde, por aqui? E tira a bicicleta do palco, passando a pedalar ao lado do público.

**Pianista: Até amanhã, Dona Alexandrina!**



313

Pno.

Musical notation for measures 313-314. The system consists of two staves (treble and bass clef). The treble staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, including slurs and accents. The bass staff contains a bass line with chords and single notes, including slurs and accents.

314

Pno.

Musical notation for measures 314-315. The system consists of two staves (treble and bass clef). The treble staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, including slurs and accents. The bass staff contains a bass line with chords and single notes, including slurs and accents.

315

Pno.

Musical notation for measures 315-316. The system consists of two staves (treble and bass clef). The treble staff contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, including slurs and accents. The bass staff contains a bass line with chords and single notes, including slurs and accents.

317

Pno.

Musical notation for measures 317-318. The system consists of two staves (treble and bass clef). The treble staff contains a continuous eighth-note pattern. The bass staff contains a bass line with chords and single notes.

319

Pno.

Musical notation for measures 319-320. The system consists of two staves (treble and bass clef). The treble staff contains a continuous eighth-note pattern. The bass staff contains a bass line with chords and single notes.

321

Pno.

Musical notation for measures 321-322. The system consists of two staves (treble and bass clef). The treble staff contains a bass line with chords and single notes. The bass staff contains a continuous eighth-note pattern. The system ends with a double bar line and a final treble clef.

323

Pno.

Musical score for piano, measures 323-324. The right hand plays chords in G major, and the left hand plays a rhythmic eighth-note pattern.

325

Pno.

*f* *mp* *p* *pp* *f* *mp* *p* *pp*

Musical score for piano, measures 325-326. The right hand plays chords with dynamic markings (*f*, *mp*, *p*, *pp*), and the left hand plays a rhythmic eighth-note pattern.

327

Pno.

*f* *mp* *p* *pp* *f* *mp* *p* *pp*

Musical score for piano, measures 327-328. The right hand plays chords in B-flat major with dynamic markings (*f*, *mp*, *p*, *pp*), and the left hand plays a rhythmic eighth-note pattern.

329

Pno.

*f*

Musical score for piano, measures 329-330. The right hand plays a melodic line with dynamic marking (*f*), and the left hand plays chords.

330

Pno.

Musical score for piano, measures 330-331. The right hand plays a melodic line, and the left hand plays chords.

331

Pno.

Musical score for piano, measures 331-332. The right hand plays a melodic line, and the left hand plays chords.